

# BASES EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

AUTOR

Luís Fernando Lazzarin



EDUCAÇÃO ESPECIAL

# **BASES EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

---

AUTOR

Luís Fernando Lazzarin

---

1ª Edição

UAB/NTE/UFSM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria | RS

2017

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.  
Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da  
Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Michel Temer

**MINISTRO DA EDUCAÇÃO**

Mendonça Filho

**PRESIDENTE DA CAPES**

Abilio A. Baeta Neves

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**REITOR**

Paulo Afonso Burmann

**VICE-REITOR**

Paulo Bayard Dias Gonçalves

**PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO**

Frank Leonardo Casado

**PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO**

Martha Bohrer Adaime

**COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Jerônimo Siqueira Tybusch

**COORDENADOR DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

José Luiz Padilha Damilano

**NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

**DIRETOR DO NTE**

Paulo Roberto Colusso

**COORDENADOR UAB**

Reisoli Bender Filho

**COORDENADOR ADJUNTO UAB**

Paulo Roberto Colusso

## NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

### DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

### ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Luís Fernando Lazzarin

### REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti

### APOIO PEDAGÓGICO

Magda Schmidt  
Siméia Tussi Jacques

### EQUIPE DE DESIGN

Ana Letícia Oliveira do Amaral  
Carlo Pozzobon de Moraes  
Matheus Tanuri Pascotini

### PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



L432b Lazzarin, Luís Fernando  
Bases epistemológicas da pesquisa em educação [recurso eletrônico] / Luís Fernando Lazzarin. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, UAB, 2017.  
1 e-book

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB  
ISBN 978-85-8341-190-1

1. Educação 2. Pesquisa - Metodologia 3. Educação - Pesquisa  
I. Universidade Federal de Santa Maria. Núcleo de Tecnologia Educacional II. Título.

CDU 37:001.891  
37.012

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990  
Biblioteca Central da UFSM



Ministério da  
**Educação**



# APRESENTAÇÃO

Este é o caderno didático da disciplina *Bases Epistemológicas da Educação* do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria. Ele é composto pelo conteúdo mínimo necessário para instrumentalizar os alunos com os conhecimentos básicos para o desenvolvimento das atividades da disciplina. O material contém, de acordo com a estrutura proposta na respectiva ementa, um resumo comentado de alguns autores considerados importantes na área de pesquisa em educação, além de comentários e contribuições do autor e propostas de atividades. O intuito é que ele sirva como um guia para os estudos, **que devem ser ampliados a partir da bibliografia referenciada.**



INTERATIVIDADE: no endereço <https://goo.gl/7i136m> o estudante poderá encontrar diversas videoaulas sobre o material aqui apresentado.

O autor deste material didático é Luís Fernando Lazzarin, professor associado do Departamento de Administração Escolar da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educação e vice-líder do grupo de pesquisa DEC – Diferença, Educação e Cultura CNPq/UFSM. Desde 2009, atua no curso de Licenciatura em Educação Especial a distância da UFSM, ministrando as disciplinas de *Processos Investigativos e Diferentes Representações da Língua*. É também autor do Material Didático das disciplinas de *Pesquisa em Educação, Introdução à Escrita Acadêmica, Escola, Cultura e Identidade* e *Educação Musical*, todas do Curso de Educação Especial a distância da UFSM.

A disciplina **Bases epistemológicas da pesquisa em educação** tem por objetivos gerais:

- » Conhecer os diferentes tipos de conhecimento: senso comum, religioso, tradicional, mítico e científico;
- » Identificar as relações dessa tipologia do conhecimento com a pesquisa na área de Educação;
- » Compreender as diferentes possibilidades de aplicação dos métodos científicos estudados.



TERMO DO GLOSSÁRIO: por epistemologia entendemos a área que estuda a estrutura, os métodos, a validade e os limites do conhecimento produzido pela pesquisa científica.

## ENTENDA OS ÍCONES



**ATENÇÃO:** faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



**INTERATIVIDADE:** aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



**SAIBA MAIS:** traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



**TERMO DO GLOSSÁRIO:** indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

# SUMÁRIO

## ▷ APRESENTAÇÃO ·9

## ▷ UNIDADE 1 – CIÊNCIA E CONHECIMENTO ·13

### Introdução ·11

#### 1.1 Modalidades de conhecimento ·12

1.1.1 Senso comum ·13

1.1.2 Conhecimento tradicional ·13

1.1.3 Conhecimento religioso e mítico ·13

1.1.4 Conhecimento filosófico ·14

1.1.5 Conhecimento científico ·14

## ▷ UNIDADE 2 – MÉTODOS CIENTÍFICOS ·17

### Introdução ·19

2.1 Método dedutivo ·23

2.2 Método indutivo ·24

2.3 Método fenomenológico ·25

2.4 Método dialético ·26

2.5 Método etnográfico ·28

## ▷ UNIDADE 2 – PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO ·31

### Introdução ·33

3.1 Pesquisa ação ·36

3.2 Pesquisa participante ·37

3.3 Estudo de caso ·38

## ▷ CONSIDERAÇÕES FINAIS ·40

## ▷ REFERÊNCIAS ·42

## ▷ ATIVIDADES ·45



1

---

CIÊNCIA E  
CONHECIMENTO

---



# INTRODUÇÃO

**O**s objetivos da unidade são: compreender os diferentes tipos de conhecimento; identificar as características do conhecimento científico que o distinguem dos outros tipos de conhecimento; e reconhecer os dois grandes grupos de ciência (Ciências Naturais e Ciências Humanas/Sociais) e seus respectivos objetos de conhecimento e metodologias.

# 1.1

## TIPOS DE CONHECIMENTO

A palavra conhecimento refere-se às várias maneiras de compreender, interpretar e explicar tudo aquilo que nos cerca. Os fenômenos e criaturas da natureza, as coisas produzidas pelos humanos, suas relações entre si, em grupos ou individualmente, as ideias em circulação na sociedade, os conceitos teóricos, as crenças e rituais, tudo isso faz parte daquilo que denominamos, de forma ampla, realidade. Conhecer significa dar sentido ao mundo para vivermos mais adaptados e mais confortavelmente nele.

A curiosidade é intrínseca ao ser humano que, no decorrer de sua história, sempre procurou explicar e compreender sua vida, suas relações com a natureza e com os outros seres. Antes da ciência como a conhecemos hoje surgir, a magia, a arte, a religião, o mito, o senso comum, a filosofia e a tradição oral, transmitida de geração em geração, vêm se constituindo em diferentes formas de organizar a experiência humana a fim de lhe dar sentido.

Adotamos aqui uma tipologia do conhecimento que tem objetivos didáticos e que, como toda tipologia, é relativa aos critérios utilizados para criá-la. Como veremos mais detalhadamente adiante, o conhecimento científico estabeleceu-se em um processo histórico que pretendia libertar o ser humano do que seriam os enganos da fantasia, das crenças religiosas, da magia, do fantástico e do extraordinário. A proposta da ciência é que, através do uso da razão, o ser humano seja autônomo, construa seu próprio destino e sua própria história, ao invés de entregar-se ao acaso ou ao que impõem os deuses ou as forças sobrenaturais e misteriosas. Historicamente, o conhecimento científico se constitui afirmando a autoridade da razão, sobre todas as outras faculdades humanas, para o acesso à verdade.

Cada uma dessas formas de conhecimento produz uma visão de mundo correspondente. Como tal, não consegue apreender a complexidade da realidade, mas apenas parte dela. É como se, para apreender e compreender o que nos cerca, tivéssemos ao nosso dispor diferentes tipos de “lentes”. Por isso, é muito importante contextualizarmos o que estudamos ou investigamos, bem como saber quem produziu e em que condições o conhecimento foi **produzido**.



**TERMO DO GLOSSÁRIO:** a palavra alemã WELTANSCHAUUNG significa visão de mundo e é muito utilizada para significar a abordagem teórica e metodológica de alguma ciência ou campo científico.

As formas de conhecimento são como lentes que nos dão diferentes perspectivas para observar, representar e interpretar a realidade. Cabe aqui uma observação importante: não nos interessa fazer juízo de valor sobre os tipos de conhecimento apresentados. Todos eles são importantes e devem ser considerados legítimos, não cabendo hierarquizá-los, mas entendê-los como inter-relacionados e complementares entre si. O trabalho de produção do conhecimento em Educação Es-

pecial, por exemplo, é desenvolvido a partir dos dados da pesquisa e informações recolhidas nos âmbitos do senso comum e das demais formas de conhecimento que não o científico.

### 1.1.1 Senso comum

O senso comum pode ser compreendido como o conhecimento cotidiano, ou como a opinião geral que circula entre as pessoas e os grupos nas sociedades. Ele é caracterizado pelas afirmações generalizantes e sem muita reflexão sobre os fatos, os comportamentos ou as circunstâncias. Tais generalizações são denominadas estereótipos. Elas funcionam como imagens congeladas de algo ou de alguém. São típicos do senso comum estereótipos como: “todo político é ladrão”, “toda loira é burra”, “toda mulher deseja ser mãe”, “todo brasileiro gosta de samba”. Assim, estereótipo pode ser definido como uma imagem simplificadora de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, muitas vezes pejorativa, que não corresponde necessariamente à realidade.

### 1.1.2 Conhecimento tradicional

O conhecimento tradicional está ligado à experiência direta e prática e é transmitido de forma oral, de geração em geração. Está ligado principalmente à relação dos seres humanos com a natureza e com os seus ciclos. Tanto quanto o senso comum, o conhecimento tradicional não se preocupa com uma explicação detalhada dos motivos pelos quais os fenômenos e as circunstâncias ocorrem, mas com a relação direta entre eles. Por exemplo, os agricultores geralmente sabem que quando o horizonte fica avermelhado ao pôr do sol significa que no dia seguinte não choverá. Portanto, o agricultor poderá decidir se planta ou se colhe, caso precise fazer uma coisa ou outra. Da mesma forma, as benzedeadas e rezadeiras dispõem de um arsenal de cura que inclui rezas, ladainhas, ervas, chás, poções e mezinhas, que podem ser consideradas do domínio do conhecimento tradicional.

### 1.1.3 Conhecimento religioso e mítico

O conhecimento religioso está ligado ao dogma, ou seja, a uma verdade absoluta, inquestionável, de cuja crença depende o pertencimento à religião específica. Um dogma não admite contestação, ele deve ser aceito como verdade pela fé e não pode ser questionado. Da mesma forma, não deve ser questionada a autoridade religiosa, nas diversas figuras que a encarnam em diferentes religiões (o papa, o rabino, o xeque, o pastor, o pai de santo, o pajé, por exemplo). Em algumas religiões a autoridade do líder religioso deriva dos livros sagrados que contém a palavra de Deus.

O conhecimento mítico explica a criação do mundo (cosmogonia) através de histórias que usam imagens (alegorias). Existem mitos em diferentes culturas, transmitidos de forma oral ou escrita, estando ou não relacionados ao conhecimento religioso. A mitologia grega é conhecida por fornecer imagens e arquétipos (modelos de comportamento) que perduram nas culturas ocidentais até os dias

de hoje. O mito de Édipo utilizado por Sigmund Freud para explicar o desenvolvimento da sexualidade humana é um exemplo dessa permanência dos mitos hoje em dia. O capítulo inicial do Gênesis (o livro das origens) apresenta a criação do mundo de forma alegórica, vale a pena lê-lo para compreender como o mito explica o início das coisas. Vale a pena compará-lo com o mito de Prometeu, semideus grego que foi punido pelos deuses por roubar o fogo e entregá-lo à humanidade, propiciando a ela que iniciasse sua cultura.

Finalmente, é preciso lembrar que religião, mito, senso comum e tradição oral tem uma interação muito íntima, tendo às vezes suas características compartilhadas muito intensamente entre si.

### 1.1.4 Conhecimento filosófico

O conhecimento filosófico é aquele adquirido no âmbito das ideias e dos conceitos, sem a interferência de uma ação ou de um interesse prático. A filosofia interessa-se pelo que é mais geral no esforço da razão pura para “questionar os problemas humanos e poder discernir entre o certo e o errado, recorrendo unicamente às luzes da razão” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 61). Apesar de ser, de certa forma, sistemático e questionador, diferentemente do conhecimento científico, o conhecimento filosófico o é em um sentido especulativo. O termo especulativo “tem dois significados: 1º) contemplação ou conhecimento desinteressado; 2º) conhecimento ultra-empírico ou sem base na experiência” (ABBAGNANO, 1998, p. 353). Portanto, a especulação se contrapõe à ação e/ou à experiência (conhecimento natural), relacionadas ao conhecimento científico.

### 1.1.5 Conhecimento científico

O conhecimento científico, que nos interessa mais diretamente, pode ser descrito como questionador e metódico. Uma das características que definem o conhecimento científico é a capacidade permanente que ele tem de duvidar, de questionar o que está sendo afirmado. Consiste em perguntar pelas causas e pelos efeitos e relacioná-los, explicando esta relação de forma precisa e detalhada. Embora parta também da experiência, a ciência procura ir além dela, refletindo e perguntando por suas causas últimas. Ou seja, o conhecimento científico não é dogmático (como é o conhecimento religioso), isto é, ele está sempre sujeito a alterações e a modificações conforme o decorrer de suas investigações. Nas palavras de Popper (2011), o conhecimento produzido pela ciência deve ser falseável, ou seja, estar aberto à verificação e ao teste de suas verdades. O conhecimento científico é, portanto, provisório.

Ao contrário do senso comum, o conhecimento científico preocupa-se em não generalizar e não produzir estereótipos. O conhecimento científico procura individualizar e detalhar os elementos e suas relações em cada situação ou fenômeno para que as conclusões de suas observações possam ser universalizadas, ou seja, transpostas de um contexto particular para todos os contextos. Enquanto o senso comum, o conhecimento tradicional, a religião e o mito são subjetivos e intuitivos (ou seja, dependentes da percepção e da condição individual de cada pessoa ou

grupo particular), o conhecimento científico é considerado objetivo, no sentido de que as opiniões pessoais não são relevantes para suas conclusões, mas apenas os fatos observáveis de forma impessoal, nos quais as evidências possam ser verificadas.

Assim, o conhecimento científico procura por evidências e por suas comprovações, através do método, ou seja, de um planejamento e de uma organização dos procedimentos de investigação e pesquisa. Enquanto o conhecimento mítico e o religioso, o senso comum e o conhecimento tradicional interessam-se pelo fantástico ou pelo extraordinário, a ciência ocupa-se dos fenômenos que ocorrem de forma regular na sociedade e na natureza. Baseada nessa regularidade, a ciência é capaz de estabelecer leis e **teorias** para explicar e compreender esses fenômenos (CHAUI, 2000).



**TERMO DO GLOSSÁRIO:** a palavra teoria tem origem grega e significa a ação de contemplar, olhar, examinar

É importante salientar que os diversos tipos de conhecimentos descritos não existem de forma isolada e pura. Citamos as principais características de cada para facilitar sua compreensão. Muitas vezes, as características de uns servem para outros (por exemplo, há muito de oralidade no senso comum, no mito e na religião, assim como, algumas vezes, a ciência pode produzir algo próximo a dogmas). Os diferentes tipos de conhecimento estão em permanente contato e interação recíproca em nossa sociedade, graças, em grande parte, aos meios de comunicação de massa, que colocam em circulação os diferentes significados e perspectivas dos conhecimentos **apresentados**.



**INTERATIVIDADE:** assista ao documentário “Mau-olhado” (partes 1 e 2) no site: <https://www.youtube.com/watch?v=zrAfRmD5OF8> e discuta em grupo os sentidos dos diferentes tipos de conhecimento apresentados.

Como veremos adiante neste material didático, a posição inferiorizada que o conhecimento científico inicialmente atribuiu a outras formas de conhecimento historicamente anteriores vem sendo desconstruída pelas Ciências Humanas e Sociais ao longo do séc. XX. Ao invés de negar a validade e a pretensão de verdade de algumas formas de conhecimento, as Ciências Humanas e Sociais têm uma tendência a considerar, nos dias de hoje, o conhecimento tradicional, o senso comum, a religião e o mito, como válidos e relevantes, inclusive tomando-os como objeto de estudo e de pesquisa.



# 2

---

CONHECIMENTO E  
MÉTODOS CIENTÍFICOS

---



# INTRODUÇÃO

**O** bjetivos da unidade são: conceituar método científico; conhecer e identificar as características gerais dos principais métodos científicos utilizados na pesquisa em educação: dedutivo, indutivo, dialético, fenomenológico, etnográfico; e reconhecer a situação especial que as Ciências Humanas ocupam no conjunto das ciências.

A ciência, em sua atividade de produção de conhecimento, é sistematizada de acordo com métodos. Etimologicamente, método significa caminho. Um método é um “conjunto de regras certas e fáceis para alcançar todos os conhecimentos possíveis ao entendimento humano. O método dá segurança ao pensamento e economiza esforços inúteis” (CHAUI, 2000, p. 201). Nas diversas formas que adquiriu ao longo da história das ciências, ele sempre foi:

- » um regulador do pensamento, isto é, de aferidor e avaliador das idéias e teorias.
- » um guia do trabalho intelectual (produção das ideias, dos experimentos, das teorias).

- » uma forma de avaliar os resultados obtidos (CHAUI, 2000, p. 201).

Não existe método científico sem que haja uma abordagem teórica que lhe dê suporte. Nosso interesse nesta disciplina é estudar os diferentes métodos da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais, ou seja, aquelas que se interessam por compreender e interpretar o modo de vida e as relações entre pessoas ou entre grupos de pessoas em contextos específicos. Interessa-nos estudar as correntes de pensamento que se esforçaram por elaborar e implementar a produção do conhecimento nas diversas áreas das Ciências Humanas. Antes, entretanto, é necessário compreender a emergência do método científico e as condições de possibilidade em que as Ciências Humanas se estabeleceram.

O que conhecemos hoje por método científico é o resultado de um processo histórico iniciado nos fins da Idade Média (gótico) e que se consolidou entre os séculos XVII e XVIII. Dentre tantos pensadores envolvidos na fundação da ciência estão Nicolau Copérnico (1473-1543), Francis Bacon (1561-1626), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650). Cada um a seu modo, a pretensão desses pensadores era estabelecer com segurança uma forma de conhecer a realidade (os fenômenos naturais, principalmente), dominar a natureza a seu favor e garantir o acesso à verdade através de um caminho de pensamento seguro guiado pela primazia da razão. Estabelece-se, assim, uma ciência que acredita que todos os conhecimentos são traduzíveis em fórmulas físico-matemáticas e que a realidade é não apenas matematizável mas comprovável experimentalmente segundo métodos e procedimentos rigorosos (COSTA, 2007). A ciência que se estabelece tem seu modelo no experimento de laboratório, em que se pode simular o fenômeno natural controlando as condições em que ele acontece.

A ciência acredita que a visão de mundo de todas as outras formas de conhecimento é dominada pelo medo da autoridade e pela fé cega, pela ilusão e pelo engano. Apenas o bom uso das “luzes” da razão (através da ciência) poderia levar o ser humano à felicidade e ao progresso. Dessa forma, o método científico propôs-se a ser a garantia do correto uso da razão para se chegar à verdade e à felicidade humanas. Essa crença tornou-se muito forte durante o Positivismo, movimento iniciado no século XIX com os trabalhos de Comte, que entendia que a realidade se constitui essencialmente naquilo que os sentidos podem perceber; e que tanto as Ciências Sociais como as Naturais compartilham o mesmo fundamento lógico e metodológico, distinguindo-se apenas pelo objeto de estudo; e que existe uma distinção entre fato e valor: a ciência deve buscar entender o fato e livrar-se de qualquer acepção de valor (MINAYO, 2008). O positivismo sociológico entende que a sociedade humana é regulada por leis naturais que regem a economia, a política

e a cultura. Para o positivismo, os métodos e as técnicas para conhecer a sociedade ou algum setor dela devem ser da mesma natureza daqueles empregados na compreensão dos fenômenos naturais. tanto que foi chamada de “física” e de “matemática” do social, cabendo aos cientistas sociais descobrir estas leis de funcionamento. Durkheim (2014) propõe uma forma para apreensão do social que deve:

1. descrever as características do fato
2. demonstrar como essas características vem a existir
3. relacioná-las entre si
4. encontrar sua organicidade
5. tentar separar o que são representações do que são fatos propriamente ditos (a coisa real).

A ideia de que a ciência é o motor do desenvolvimento econômico, da felicidade e do bem-estar das sociedades é um dos produtos ideológicos do Positivismo. Seu lema, expresso na frase “ordem e progresso” no centro da bandeira do Brasil, resume bem a pretensão de que a ciência é um processo que melhora a vida das pessoas e que evolui ao longo do tempo. É inegável que foi graças ao pensamento científico que as sociedades puderam desfrutar de inúmeros produtos e processos que tornaram a vida mais confortável. A abordagem positivista acredita que hoje vivemos melhor do que ontem e que amanhã será melhor do que hoje.

Entretanto, acontecimentos ao longo do século xx abalaram esta convicção cega de que a ciência traria a felicidade, como as duas guerras mundiais, nas quais foram empregados avanços tecnológicos para exterminar milhões de pessoas graças à produção industrial de armamentos e meios de destruição em massa. Os desníveis sociais e econômicos entre os países ricos e os países pobres, e as próprias divisões de classe dentro das nações, também aumentaram ao invés de diminuir com os avanços da ciência. Enfim, populações inteiras foram (e continuam sendo) privadas do acesso às facilidades que a tecnologia poderia proporcionar. Hoje, as ciências humanas demonstraram que a ciência não é um processo linear evolutivo, mas que sua história é composta por rupturas e descontinuidades.

O cientista de orientação positivista também acredita que deve manter a mesma neutralidade que o pesquisador de laboratório: apenas observar, descrever e mensurar o fenômeno, distanciando-se o máximo possível para não provocar modificações no processo. Não pode haver interferências de classe, morais ou posição política. Essa concepção de neutralidade do pesquisador foi, ao longo da história, desconstruída pelas abordagens metodológicas das ciências humanas. Aos poucos, compreendeu-se que ao pesquisar a experiência humana, o investigador está diretamente vinculado ao seu objeto de estudo e não pode ter o afastamento e a objetividade similares ao cientista que pesquisa um fenômeno natural. Ou seja, é impossível, distanciar-se objetivamente e manter uma neutralidade absoluta em relação ao objeto de estudo e pesquisa.

O quadro histórico exposto acima é importante porque explica, segundo Chauí (2000, p. 227), a especificidade das Ciências Humanas e Sociais, pois elas:

1. tomam o ser humano como objeto de estudo, a partir do séc. XIX, o que é bastante recente. Até então, a filosofia era o campo de estudos de tudo que se referia ao humano.
2. surgiram muito depois que as Ciências Matemáticas e Naturais estavam

constituídas e já haviam definido a ideia de cientificidade, de métodos e conhecimentos científicos, de modo que as Ciências Humanas foram levadas a imitar e copiar o que aquelas ciências haviam estabelecido, tratando o ser humano como uma coisa natural, matematizável e experimentável.

3. Utilizaram métodos e técnicas hipotético-dedutivas de estilo experimental para buscar leis necessárias e universais para os fenômenos humanos. Ou seja, para serem aceitas e respeitadas como ciência verdadeira, as Ciências Humanas tiveram que estudar seu objeto tomando emprestado das Ciências Naturais seus métodos.

Paulatinamente, desenvolveu-se uma crítica à abordagem positivista, que procurou antepor a interpretação à mensuração e colocar a descoberta no lugar da constatação. A partir do século xx diferentes abordagens compreensivas, como a fenomenologia, a etnometodologia, o **interacionismo**, propuseram que, diferentemente do fenômeno natural, a experiência humana não pode ser observada de forma neutra por parte do pesquisador, tampouco pode ser reproduzível e controlável nos padrões de laboratório de simulação de fenômenos físicos, químicos e biológicos, por exemplo. Situada dentro de um contexto e historicamente contingente, a experiência humana é complexa e sujeita a muitas variáveis nem sempre tão controláveis como os fenômenos naturais. A experiência humana é historicamente constituída. Significa que sua compreensão deve estar contextualizada em determinada época e a determinadas condições materiais e intelectuais. As Ciências Humanas, em que se situa a área de Educação Especial, têm por objeto de estudo a experiência humana. Ou seja, interessam-se pela vida das pessoas individualmente e pelos diferentes grupos em que elas se organizam para viver.



SAIBA MAIS: uma interessante revisão sobre essas abordagens teóricas pode ser encontrada em MINAYO (2008).

Diferentemente dos fenômenos naturais, que são objeto das Ciências Experimentais e que são basicamente observáveis, controláveis e reproduzíveis em situações de laboratório, a experiência humana é contingente, isto é, incontrolável e irreproduzível nos mesmos termos de simulação. Enquanto a matéria prima das Ciências Naturais é o conjunto de fatos que tem consistência sistêmica através de sua repetição, as Ciências Humanas e sociais estudam os eventos cuja significação pode ser mudada de acordo com o ator, as relações existentes em cada momento e, ainda, pela posição dos eventos em uma cadeia **cronológica**. Disso decorre que não podemos ter critérios metodológicos no que tange à neutralidade e à objetividade, idênticos para os dois grandes grupos (Ciências Naturais e Ciências Humanas/Sociais), posto que cada um deles tem um objeto próprio de estudo, com características muito bem definidas.



SAIBA MAIS: o texto “Relativizando” de DaMatta (2016) mostra muito bem quais os significados do “ato de comer um bolo”, exemplificando como cada cultura estabelece seus significados contextualmente localizados.

A seguir, veremos os principais métodos que têm embasado as pesquisas nas áreas das Ciências Humanas.

## 2.1

# MÉTODO DEDUTIVO

Não é apenas um método, mas uma forma de raciocínio da lógica e da matemática. Aristóteles estabeleceu suas bases na formulação do silogismo.

Se  $A = B$

$B = C$

Então  $A = C$

Também pode ser formulado na expressão:

Todo homem é mortal.

João é homem.

João é mortal.

Esta é a apresentação mais simplificada de uma formulação lógica que pode chegar a graus de complexidade muito maiores. De toda forma, é baseado nesse tipo de raciocínio “do geral para o particular” que se estabelece um método que apresenta conclusões, devendo ser necessariamente verdadeiras caso todas as premissas sejam verdadeiras e se a forma lógica do raciocínio for respeitada.

Uma desvantagem do método hipotético-dedutivo é que muitas vezes a premissa maior (afirmação mais geral) é apresentada como verdadeira, apesar de não corresponder à verdade ou não poder ser verificada. Por exemplo:

Todo político é ladrão.

João é político.

João é ladrão.

No caso acima, a premissa maior (todo político é ladrão) é falsa (ou muito difícil de ser confirmada). Nesse caso, o argumento é falacioso, ou seja, construído a partir de uma falácia (mentira). O senso comum realiza com muita frequência esse tipo de operação lógica falaciosa, inclusive em piadas e afirmações estereotipadas, como a citada. Ou seja, apesar de formalmente o argumento ser válido, em termos de conteúdo não é. A concepção racionalista é hipotético-dedutiva, isto é, define o objeto e suas leis e disso deduz propriedades, efeitos posteriores, previsões.

## 2.2

# MÉTODO INDUTIVO

Indução é um processo mental pelo qual “partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 68). É o raciocínio das ciências experimentais (física, química, biologia, por exemplo), nas quais observações de casos particulares de um objeto ou fenômeno podem levar a leis e teorias (explicações universalizáveis) sobre seu funcionamento. Seguidamente devem ser formuladas hipóteses que serão confirmadas ou refutadas, de acordo com a experimentação. Em sua formulação está um raciocínio que parte “do particular para o geral”. Por exemplo: no experimento de observação dos corvos observam-se as seguintes premissas:

Corvo 1 é preto.

Corvo 2 é preto.

Corvo 3 é preto.

Corvo n é preto.

Conclui-se que todos os corvos são pretos.

Uma desvantagem do método indutivo é que nem sempre se chega a conclusões verdadeiras a partir de premissas particulares. Nesse caso, uma garantia seria o emprego de modelos estatísticos. A concepção empirista é hipotético-indutiva, isto é, apresenta suposições sobre o objeto, realiza observações e experimentos e chega à definição dos fatos, às suas leis, suas propriedades, seus efeitos posteriores e **previsões**.



INTERATIVIDADE: assista ao vídeo com o quadro “Atenção consumidor” em <https://www.youtube.com/watch?v=JpvVOuCozzg>. O vídeo apresenta um exemplo de como o método indutivo funciona em um experimento de laboratório (teste de escova de dentes feito pelo INMETRO).

## 2.3

# MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Fenomenologia significa: conhecimento daquilo que se manifesta para nossa consciência, daquilo que está presente para a consciência ou para a razão, daquilo que é organizado e explicado a partir da própria estrutura da consciência. “A verdade se refere aos fenômenos e os fenômenos são o que a consciência conhece” (CHAUI, 2000, p. 130).

Fenômeno é a presença daquilo mesmo que é dado, exatamente como é dado ou sentido. A fundamentação do conhecimento está na capacidade de perceber e de dar significado a tudo o que nos cerca.

A fenomenologia não indaga, por exemplo, se uma certa ideia ou uma certa opinião são causadas pela vida em sociedade, mas pergunta: O que é o social? O que é a sociedade? As respostas a essas perguntas formam as significações ou essências e são elas o conteúdo que a própria razão oferece a si mesma para dar sentido à realidade. Ou seja, fenômeno é aquilo que se apresenta para a consciência, de acordo com a estrutura a *priori* da própria consciência.

Mesmo quando objetos reais estão em jogo, nas ciências humanas nos interessa mais compreender como eles são percebidos ou o que eles significam do que em apreender sua essência ou seu caráter real (CHAUI, 2000, p. 389).

O método fenomenológico é descritivo e reflexivo. Segundo Boava e Macedo (2011), o método mais utilizado nas Ciências Humanas é o proposto por Giorgi (2008) durante a década de 1980, que apresenta as seguintes etapas:

1. *sentido do todo* – apreendido a partir da simples leitura do texto, conforme a habilidade do sujeito de entender a linguagem;

2. *discriminação das unidades de sentido* – feita considerando-se que é impossível analisar um texto inteiro ao mesmo tempo e que, portanto, este deve ser separado em unidades manejáveis. Estas são analisadas de acordo com o interesse da pesquisa (caráter psicológico, econômico, sociológico, organizacional, etc.);

3. *transformação das expressões da linguagem do sujeito numa linguagem que enfatiza o fenômeno investigado* – a intenção é chegar a uma categoria geral, partindo de expressões concretas. O fundamental é determinar precisamente a linguagem, padronizá-la, com o intuito de torná-la mais clara numa perspectiva fenomenológica;

4. *resultado das unidades de sentido transformadas em colocações* – o objetivo é sintetizar, integrar e descrever as descobertas das unidades mais significativas.

## 2.4

# MÉTODO DIALÉTICO

A dialética (que, etimologicamente, significa “discussão de teses contrárias”) é um procedimento adotado por Platão, filósofo grego que viveu entre 428 e 347 a.C. para se chegar à verdade das coisas. Esse procedimento consiste em um debate, um diálogo, uma discussão, entre opiniões contrárias sobre algum assunto, em conseguir-se separar aquilo que é essência daquilo que são aparências.

No diálogo, os interlocutores, guiados pelas perguntas do filósofo (no caso, Sócrates), examinam e discutem opiniões que cada um deles possui sobre alguma coisa; descobrem que suas opiniões são contraditórias e não levam a conhecimento algum (CHAUI, 2000, p. 257).

A cada exame surge um novo par de termos contrários, que devem ser separados e novamente divididos, até que se chegue a um termo indivisível, isto é, não formado por nenhuma oposição ou contradição e que será a ideia verdadeira ou a essência da coisa investigada. A discussão dialética revela uma luta incessante entre os contrários, promovendo uma mudança constante nos fenômenos ao mesmo tempo em que estabelece que a verdade é a identidade indivisível de uma ideia consigo mesma.

No século XIX, Hegel (2011) reformulou a ideia platônica de que a contradição destrói o sujeito. Ela é o que o movimenta e o transforma, fazendo-o síntese ativa de todos os predicados opostos e negados por ele. A contradição dialética nos revela um sujeito que surge, se manifesta e se transforma graças à contradição de seus predicados. A verdadeira contradição dialética tem duas características.

1. os termos contraditórios não são dois positivos contrários ou opostos, mas dois predicados contraditórios do mesmo sujeito, que só existem negando um ao outro. Por exemplo, ao invés de “quente-frio”, o que existe é “quente-não-quente”, “não-frio”, “não-material”, “não-natural”.

2. o negativo (o não x: não-quente, não-doce, não-material, não-natural, etc.) não é um positivo contrário a outro positivo, mas é verdadeiramente negativo. Nesta, qualquer termo pode ser negação de qualquer outro. O “caderno é a não-árvore”, ou seja, o caderno é a árvore negada como árvore. Assim, a negação interna é aquela na qual um ser é a supressão de seu outro, de seu negativo (CHAUI, 2000, p. 258).

Exemplo simples de como a realidade se constitui em movimento de transformação dialética é: um grão de trigo morre (dá-se a negação do trigo). O grão deve, necessariamente, desaparecer, para que surja a planta e a espiga, que produz o grão, para em seguida a própria planta desaparecer. Retoma-se o ciclo quando uma semente de trigo é germinada. De forma análoga, um escultor, ao esculpir um tronco de madeira, provoca a negação desta matéria prima em sua forma natural e a eleva a um patamar qualitativo diferente (a escultura). O trabalho do es-

cultor não destrói a natureza da madeira, mas a transforma e recria. A superação que resulta da contradição entre o ser (tese) e o não ser (antítese) não resulta em morte ou aniquilamento, mas em movimento de passagem para outra realidade (ARANHA; MARTINS, 1993).

Como método científico, a dialética tem algumas características que podem assim ser resumidas (MARCONI; LAKATOS, 2010):

1. O mundo é um conjunto de processos. As coisas não podem ser analisadas como objetos fixos, mas em movimento. Nada está acabado, mas em processo de constante transformação e mudança.

2. Nada existe de forma isolada, destacada e independente. Tanto natureza quanto sociedade são compostos por fenômenos interdependentes que se condicionam reciprocamente. Todas as coisas fazem parte de uma totalidade e de uma estrutura.

3. Mudanças quantitativas levam a mudanças qualitativas.

4. Como lei do pensamento, o movimento de contradições pode ser expresso em três etapas: uma tese, proposição positiva, negada por sua antítese (proposição negativa); quando é negada, transforma-se em síntese, obtida por meio desta dupla negação anterior. Nesse movimento dialético de superação não existe apenas mistura de contrários, mas desenvolvimento que prossegue através da superação de teses e antíteses.

A partir do **materialismo histórico**, a abordagem dialética, em suas diferentes ramificações, propiciou algumas das mais detalhadas e produtivas análises da sociedade capitalista, que, além de explicar seu funcionamento no campo teórico, fundamentaram movimentos políticos e revolucionários (chamados de esquerda) em inúmeros países até nossos dias. De uma forma ou de outra, distintos movimentos sociais (comunidades eclesiais de base, MST, movimento sindical) incorporaram princípios da dialética marxista e do materialismo histórico para fundamentar suas lutas políticas por direitos. O materialismo histórico compreendeu as relações sociais entre a burguesia e o proletariado, existentes no modo de produção capitalista, como contraditórias e componentes de um movimento dialético de superação, o qual conduziria, após algumas etapas intermediárias, em direção a uma sociedade igualitária. Assim, o mundo material é dialético, ou seja, está em constante movimento e, historicamente, as mudanças ocorrem em função das contradições surgidas a partir dos antagonismos das classes no processo da produção social (ARANHA; MARTINS, 1993). A esse antagonismo deu-se o nome de luta de classes.



**ATENÇÃO:** materialismo histórico é uma corrente de ideias que afirma que as relações econômicas (de trabalho e de produção) determinam toda a forma de estrutura social (ABBAGNANO, 1998).

## 2.5

# MÉTODO ETNOGRÁFICO

O interesse pela diversidade cultural tem suas origens no início dos descobrimentos e da colonização, quando as novas culturas da América, Ásia e África demonstraram aos conquistadores europeus que existiam outros modos de vida e de organização social, diferentes dos conhecidos. Antes da profissionalização do trabalho etnográfico, todas as descrições e avaliações de raças e culturas externas à Europa eram feitas a partir do ponto de vista da missão de levar a civilização aos povos primitivos. O legado dessa visão de missionários, descobridores, viajantes e administradores coloniais permaneceu no tom pejorativo e depreciativo que a metrópole adotava ao se referir às colônias e, de certa forma, influenciou as primeiras pesquisas etnográficas. A perspectiva etnográfica atual procura afastar-se de possíveis hierarquizações entre culturas “civilizadas” e culturas “primitivas”. Hoje, interessa mais ao pesquisador que se utiliza da etnografia ouvir o que as diferentes culturas têm a dizer do que fazer juízo de valor sobre seus modos de vida.

O método etnográfico estabelece-se cientificamente como tentativa de compreender o outro, a partir de duas correntes da antropologia do século xx: o funcionalismo e o estruturalismo. Pfaff (2010, p. 256-257) afirma que “a etnografia tem sempre a ver com investigação de mundos da vida estranhos ou desconhecidos. Ela visa reconstruir a perspectiva dos sujeitos do campo investigado”, no curso de um processo longo que exige uma interação pesquisador/pesquisado. O trabalho etnográfico estabeleceu-se a partir de metodologias de diferentes disciplinas das Ciências Sociais de abordagem qualitativa. Ainda segundo Pfaff (2010), a etnografia clássica objetiva:

1. traçar um retrato da vida social em uma cultura estranha.
2. analisar as estruturas e princípios subjacentes a essa realidade social. Este método exige que o etnógrafo se torne um estudante ou autodenominado neófito em relação ao comportamento e práticas sociais dos sujeitos da investigação.
3. Fazer uma descrição densa e analítica da dinâmica das relações humanas dentro do contexto estudado.

Ou seja, como afirma Valladares (2007), no esforço por conhecer o modo de vida de determinado grupo, o pesquisador lida constantemente com um movimento entre a familiaridade e o estranhamento. O pesquisador precisa ser aceito pelo grupo, ao qual não pertence originalmente e, ao mesmo tempo, manter seu distanciamento objetivo dos fenômenos que observa para que sua pesquisa tenha sucesso. Esse processo pode ser facilitado pela presença de um *Doc* (um membro do grupo que apresenta o pesquisador e facilita a ele o acesso às informações). Em sua rotina de pesquisa (conversas e entrevistas com os membros do grupo e anotações do diário de campo), o pesquisador exercita e aprimora sua capacidade de saber ver e saber ouvir o que se passa na dinâmica das relações internas do grupo a fim de melhor compreendê-lo. Faz parte do **trabalho etnográfico** a autorreflexão sobre sua atuação como pesquisador (seus erros, correções necessárias e acertos).



INTERATIVIDADE: assista ao filme "Narradores de Javé" e estabeleça relações entre o trabalho do personagem Bira e o trabalho do pesquisador etnográfico. O filme está disponível em: <https://goo.gl/uRZWl2>



# 3

---

PESQUISA QUALITATIVA  
EM EDUCAÇÃO

---



# INTRODUÇÃO

**O** bjetivos da unidade são: conceituar e caracterizar pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa; e identificar algumas modalidades de pesquisa qualitativa em educação: pesquisa-ação, pesquisa participante e estudo de caso.

Os termos *pesquisa qualitativa* e *pesquisa quantitativa* referem-se aos diferentes modelos de produção de conhecimento associados a cada uma delas. Não existe oposição entre **métodos quantitativos** e **qualitativos**, tampouco eles se excluem mutuamente. Uma pesquisa pode combinar ambas as abordagens em suas análises de algum fenômeno humano.



SAIBA MAIS: um exemplo da utilização de abordagem qualitativa e quantitativa em um mesmo estudo é a pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, disponível em: <https://goo.gl/bIVLu9>

A pesquisa quantitativa utiliza-se de métodos que trabalham com modelos matemáticos e estatísticos em estudos que pretendem mensurar e quantificar informações sobre determinado fenômeno. Esses modelos manipulam uma quantidade significativa de informações numéricas. De forma geral, todas as ciências se utilizam de pesquisa quantitativas (na área da saúde, da engenharia, da física, da química, da biologia, por exemplo). São utilizadas, por exemplo, para desenhar e definir estratégias e planos de marketing, para conhecer intenção de voto de uma população, para conhecer o perfil socioeconômico dos habitantes (pesquisas do IBGE). Interessa a esse tipo de pesquisa a mensuração e a testagem de variáveis numéricas.

De outra forma, a pesquisa qualitativa interessa-se pelos *qualia*, ou seja, pelos atributos holísticos e integrais de um campo social. Ela é interpretativa, dialógica, interativa (na relação entre pesquisador e o grupo e os indivíduos pesquisados). Visa compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto a:

- » valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos;
- » relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais;
- » processos, históricos, sociais e implementação de políticas públicas e sociais (MINAYO, 2008, p. 23).

Os diferentes métodos estudados na unidade anterior fundamentam as pesquisas qualitativas em seu objetivo de compreender os aspectos formadores do humano, suas relações e construções culturais e sociais, comunitárias e pessoais (GATTI; ANDRE, 2010, p. 29-30). Elas colocam em xeque os ideais positivistas (de neutralidade do pesquisador), visto que sua subjetividade é inerente ao processo interpretativo e compreensivo da pesquisa qualitativa.

Moreira (2002) expõe as características de uma pesquisa qualitativa:

» É interpretativa – procura compreender o contexto do estudo do ponto de vista de seus participantes do grupo. O foco de interesse é a perspectiva dos informantes.

» A pesquisa deve ser conduzida de forma flexível. Não há definições anteriores sobre as situações. Há uma ênfase na descoberta.

» O interesse é no processo e não no resultado. O que se procura é entender a situação da análise e não estabelecer uma verdade única sobre ela.

» Uma relação direta entre o contexto e o comportamento das pessoas na formação da experiência.

» Admite uma interação e uma influência recíproca entre a pesquisa (e o pes-

quisador) e o grupo pesquisado. Isso é determinante nos resultados da pesquisa.

De acordo com Giorgi (2008, p. 398-402) um método de pesquisa qualitativa de base, em termos gerais, obedece a quatro etapas:

» Coleta de dados verbais – por descrição ou por entrevista, o que se pretende obter é uma descrição completa e detalhada da experiência e dos atos do sujeito, tão fiel quanto possível ao que ocorreu.

» Leitura dos dados – significação global, apreensão global dos dados, que permite ver como as partes são compostas.

» Divisão dos dados em unidades – discriminar os sentidos e as significações de acordo com a disciplina que embasa a pesquisa (psicológica, antropológica, clínica). Adoção de unidades de significação, ou seja, cada vez que o pesquisador percebe uma mudança de direção na releitura da descrição, ele posiciona a direção até a unidade de significação seguinte (até a próxima mudança de sentido da descrição).

» Organização e enunciação dos dados brutos na linguagem da disciplina – examinar, explorar e descrever novamente as unidades de significação, de modo a tornar mais explícito o valor de cada unidade em relação à disciplina.

» Síntese dos resultados – descrição da estrutura essencial da experiência concretamente vivida. O que interessa da estrutura é a relação das partes entre si. O produto final de uma análise científica não é apenas a estrutura essencial, mas tal estrutura em suas relações com as diversas manifestações de uma identidade essencial.

## 3.1

# PESQUISA-AÇÃO

Concebida e realizada junto a intervenções sociais e orientada para resolução de problemas coletivos, em que estão envolvidos pesquisadores e participantes de modo cooperativo e participativo (THIOLENT, 1992). Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas envolvidas na situação determinada. É essa interação que estabelece a ordem de prioridades dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem apontadas na forma de ações concretas. Há, durante a pesquisa-ação, um acompanhamento das decisões e das ações correspondentes, de forma a retroalimentar o processo de pesquisa.

A pesquisa-ação, assim como a pesquisa participante, está vinculada a um tipo de visão emancipatória e de transformação social elaborada nas décadas de 1970 e 1980, em um contexto de oposição dos movimentos sociais à ditadura militar, e que tem como base a pedagogia de Paulo Freire (2011). Para Richardson (2015), pode-se partir de uma questão de pesquisa como: o que pode ser feito para melhorar a vida no bairro e incentivar a participação da comunidade na reflexão e solução de seus problemas? A pesquisa-ação compõe-se das seguintes etapas:

» Diagnóstico – identificação e definição do problema, estabelecendo possíveis soluções. Em geral, o objetivo desta fase é produzir um acordo substancial, não necessariamente total, sobre uma única ação a realizar.

» Ação – a segunda etapa inclui a ação propriamente dita. No caso da associação de moradores, “mudanças no bairro”. Decidida a ação, o grupo discutirá os meios para alcançá-la e possíveis mecanismos para solucionar conflitos.

» Avaliação – analisa-se, interpreta-se e extraem-se conclusões que permitem avaliar o cumprimento dos objetivos formulados através das estratégias de ação.

» Reflexão – análise crítica do processo feita pelo grupo. A reflexão é o momento de tornar público o aprendido. Discute-se e analisa-se o nível de compreensão da realidade do grupo, retomando as colocações feitas em reuniões, assembleias e contatos diretos.

A pesquisa-ação não se limita a uma forma de ativismo político. Ela pretende aumentar o conhecimento e o “nível de consciência” dos pesquisadores e dos grupos envolvidos na pesquisa.

## 3.2

# PESQUISA PARTICIPANTE

Da mesma forma que a pesquisa-ação, essa forma de estudo combina investigação, participação e política. A pesquisa participante apresenta-se como uma modalidade de conhecimento coletivo do mundo e das condições de vida de pessoas, grupos e classes populares. Essa forma de pesquisa ocorre

a partir de um trabalho que cria, de dentro para fora, formas concretas dessas gentes, grupos e classes participarem do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si próprias (BRANDÃO, 1981, p. 9).

Ainda segundo Brandão (1981), tanto pesquisa-ação quanto pesquisa participante partem dos seguintes princípios:

- » A ideia de um sujeito popular;
- » A ideia de um projeto político encampado por uma frente popular;
- » O espaço local como *locus* político;
- » O papel do investigador como ator político transformador.

Nasce orientada para a resolução de problemas concretos através do incremento da participação dos grupos populares relegados e sua integração no debate político. A problemática brota da discussão entre pesquisador e população participante. Nesse tipo de pesquisa, procura-se colocar em inter-relação grupos de saberes diferenciados e que participam da formulação do quadro teórico para o problema a ser resolvido. Em todas as fases do projeto as pessoas interessadas participam e todas as discussões são socializadas. Planos de ação são construídos com metas para problemas diagnosticados. Em resumo, tanto na pesquisa-ação quanto na pesquisa participante a população-alvo é levada a identificar o problema, levantar os dados sobre ele, realizar as análises críticas e buscar soluções adequadas para as questões em pauta.

## 3.3

### ESTUDO DE CASO

É uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos, a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência em particular ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor ação transformadora. Utilizam-se estratégias de investigação para mapear, descrever e analisar um contexto, as relações e percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão. É útil para entender intervenções e processos de mudança. Segundo Minayo (2008, p. 164), suas principais características são:

- » Visa à descoberta;
- » O caso deve ser uma unidade significativa do todo;
- » Busca a interpretação de um contexto;
- » Usa uma variedade de fontes de informação;
- » Deve ser bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar para realizar a busca circunstanciada de informações;
- » Busca intensiva de dados sobre uma situação em particular, de um evento específico ou de processos contemporâneos, tomados como caso singular ou coleção de casos, grupos de pessoas com relações interacionais difusas, profissionais ou sobre a vida cotidiana, como os membros interagem e como se comportam em certas circunstâncias;
- » Deve permitir uma “generalização naturalística”, isto é, o leitor pode se perguntar “o que deste caso posso aplicar na minha situação?”. Cada caso estudado deve se assemelhar com outros casos e situações.

Estudo de caso define-se como uma estratégia de campo que combina o uso de entrevistas, análise documental e a participação analítica do pesquisador. Associadas, essas atividades formam um triângulo, que nos ajuda a “cercar” nosso objeto de pesquisa. A intenção é que a coleta de dados seja a mais rica possível e que as informações coletadas em cada uma sejam complementares, enriquecendo as informações que desejamos coletar. Podemos confrontar os dados coletados nos diferentes “vértices” do triângulo: pesquisar em documentos e registros (diários de classe, pareceres pedagógicos, atas de reunião, atas de conselho de classe, por exemplo), observar analiticamente as situações e o dia a dia da escola e entrevistar professores, funcionários, alunos e pais. Assim, temos condições de confrontar o que foi dito, o que foi registrado nos documentos e o que foi observado, a fim de levantar inconsistências, contradições, corroborar afirmações entre os vértices, enfim, problematizar nosso objeto. O triângulo fica desenhado assim:

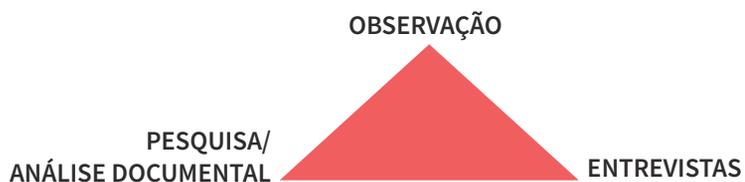


FIGURA 1: Esquema de um estudo de caso. FONTE: Equipe Multidisciplinar, NTE, 2016.

Alguns autores chamam a atenção para o cuidado com a modalidade estudo de caso, principalmente na garantia de uma fundamentação amostral adequada para o oferecimento de base para generalizações. O pesquisador também deve evitar correr o risco de fiar-se em falsas evidências para basear suas conclusões (CHIZZOTI, 2006).

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**ste material didático apresentou de forma concisa as bases epistemológicas sobre as quais se constrói a pesquisa em educação. O estudante terá condições de aprofundar seus conhecimentos a partir da bibliografia referenciada e prosseguir seus estudos no curso. Além dos conteúdos propriamente ditos, o material objetivou incutir uma mentalidade de pesquisador, isto é, uma atitude questionadora e problematizadora das verdades hegemônicas e das posturas essencialistas.

Para finalizar, apresento alguns pontos retirados de Costa (2007), para orientar os passos de um bom pesquisador:

*Pesquisar é uma aventura*

- » Seduza-se por um tema;
- » Questione constantemente;
- » Esteja atento a suas intuições.

*Resultados de pesquisa são parciais e provisórios*

- » Não tenha a pretensão de contar a verdade definitiva;
- » Não transforme seu saber em autoridade.

*Pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação*

- » O olhar inventa o objeto e possibilita interrogações novas;
- » A pesquisa deve ter: AUTORIA, ORIGINALIDADE E RELEVÂNCIA PARA A ÁREA E PARA A SOCIEDADE.

*O mundo não é de um único jeito*

- » É necessário saber dialogar com quem pensa diferente de você;
- » Desconfie dos discursos que querem contar a verdade definitiva.

*O novo não é necessariamente melhor que o velho*

- » Não existe progresso ou evolução científicos.

*O mundo continua mudando*

- » Não deixe suas ideias se cristalizarem;
- » Exponha-se, critique, dialogue.

*A pesquisa científica está sempre a serviço de algo ou de alguém*

- » Neutralidade científica é uma quimera;
- » Sempre haverá interesses políticos e/ou econômicos envolvidos na pesquisa.

*Não se pode fazer qualquer coisa em nome da ciência*

- » É necessário ser ético em pesquisa.

*Pesquisa é uma atividade que exige reflexão, rigor, método*

- » Dedicção às leituras;
- » Organização dos materiais;
- » Autodisciplina nos prazos.

*Pesquisar é uma tarefa social*

- » Pesquisar é um trabalho coletivo;
- » Compartilhe a sua e conheça as de outros pesquisadores.

*A verdade ou as verdades são deste mundo*

*Seja um pesquisador engajado*

- » Toda pesquisa deve, em alguma forma, contribuir para a melhoria das condições de vida de alguém.

# REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

BOAVA, D L. T.; MACEDO, F. M. F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE-BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. esp. p. 469-487, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512011000600003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512011000600003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 4 jul. 2016.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Vozes, 2006.

COSTA, M. v. Uma agenda para novos pesquisadores. In: COSTA, M. v. (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GATTI, B. ANDRE, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: PFAFF, N.; WELLER, W. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29-38.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. São Paulo: Vozes, 2008. p. 386-409.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PFAFF, N. Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha. In: PFAFF, N. ; WELLER, W. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 253-270.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2011.

RICHARDSON, R. J. **Como fazer pesquisa ação**. Disponível em: <[http://ieeab.weebly.com/uploads/4/3/8/3/43832727/richardson\\_como\\_fazer\\_pesquisa\\_acao.pdf](http://ieeab.weebly.com/uploads/4/3/8/3/43832727/richardson_como_fazer_pesquisa_acao.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2015.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-69092007000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-69092007000100012)>. Acesso em: 04 jul. 2016.



# ATIVIDADES

1. Responda às seguintes questões de fixação:

- a. Porque as Ciências Humanas têm um lugar especial no conjunto das ciências?
- b. Explique três características do conhecimento científico que o diferenciam dos outros tipos de conhecimento estudados.
- c. O que significa o adjetivo “dogmático”?
- d. O que significa estereótipo?
- e. Após assistir ao vídeo “Mau-olhado” você diria que existe relação direta entre classe social e determinado tipo de conhecimento? Explique sua resposta.
- f. Descreva com suas próprias palavras as principais ideias dos métodos:
  - I. Dedutivo
  - II. Indutivo
  - III. Fenomenológico
  - IV. Dialético
  - V. Etnográfico

2. De acordo com as aulas e a bibliografia recomendada, marque dentro dos parênteses V para afirmação verdadeira e F para afirmação falsa:

1. ( ) O conhecimento científico é sistemático. O senso comum é subjetivo e generalizador. O conhecimento dogmático não admite contestação.
2. ( ) A neutralidade científica não é uma questão problemática para as Ciências Humanas.
3. ( ) As Ciências Humanas incorporaram um modelo de cientificidade derivado das Ciências Naturais e o aceitaram sem contestação.
4. ( ) O modelo de racionalidade científica, nascido com as Ciências Naturais, é o mais apropriado para a pesquisa em Ciências Humanas.
5. ( ) Universalidade, objetividade, neutralidade e subjetividade são critérios válidos igualmente para todas as ciências.
6. ( ) O conhecimento científico não se interessa pela regularidade e frequência dos acontecimentos.
7. ( ) O conhecimento tradicional e o senso comum interessam-se principalmente pelos acontecimentos extraordinários.
8. ( ) A pesquisa em educação deve ser somente qualitativa.
9. ( ) Uma narrativa mitológica é ao mesmo tempo cosmogônica e alegórica.
10. ( ) A abordagem qualitativa de pesquisa pressupõe uma avaliação mais subjetiva do objeto estudado em que o pesquisador deve manter uma neutralidade absoluta.

11. ( ) À imagem congelada e fixa de uma identidade, produzida no âmbito do senso comum, dá-se o nome de estetoscópio.

12. ( ) A tabela periódica dos elementos (química) é um exemplo de conhecimento científico. Ela descreve, enumera e classifica os fenômenos sociais da área.

13. ( ) Para analisar os resultados, não se pode usar as abordagens qualitativa e quantitativa em um mesmo estudo.

14. ( ) No processo de produção de conhecimento científico deve-se procurar formular a melhor questão de pesquisa.

15. ( ) Psicologia, economia, linguística e história são exemplos de campos das Ciências Naturais.

16. ( ) O pesquisador é sempre absolutamente neutro em sua atividade de pesquisa.

17. ( ) A experiência humana é histórica. Significa dizer que ela é controlável e reproduzível nos mesmos termos do experimento de laboratório.

18. ( ) Duas preocupações do conhecimento científico: não desbanalizar e não desnaturalizar as relações sociais.

19. ( ) O modelo de laboratório assegura a condição de objetividade da pesquisa em Ciências Humanas.

20. ( ) A pesquisa é uma atividade que exige planejamento e sistematicidade.

21. ( ) Em uma pesquisa o investigador pode e deve fazer qualquer coisa para obter os resultados.

22. ( ) Há vários tipos de conhecimento, dentre eles, o senso comum, o conhecimento teológico, o científico, o mítico.

23. ( ) Problema de pesquisa e problema social não são sinônimos.

24. ( ) Em pesquisa procura-se sempre a melhor resposta para os problemas.

25. ( ) Durante a realização da pesquisa devemos nos preocupar em resolver os problemas sociais com os quais nos defrontamos.

26. ( ) Uma das razões que torna as Ciências Humanas especiais no conjunto das ciências é o seu objeto de estudo: a experiência humana.

27. ( ) Na mídia (tv, rádio, Internet, jornais) os diferentes tipos de conhecimentos interagem, circulam e interferem-se reciprocamente.

28. ( ) Abordagem teórico metodológica pode ser comparada a “lentes” através das quais se produz, interpreta e compreende determinado objeto de conhecimento.

29. ( ) No vídeo “Mau-olhado” podemos entender que as linguagens do conhecimento tradicional e do senso comum pertencem a uma classe social específica.

30. ( ) No filme “Narradores de Javé” o conhecimento científico é apresentado como o único válido.